ISSN: 2358-8829

PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: VESTÍGIOS VISUAIS DE UM PASSADO

Juçara Eller Coelho [1]
Celso João Carminati [2]

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) teve sua atual configuração institucional definida a partir da implementação da Lei Nº 11.892/2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica[3] no Brasil e criou os Institutos Federais. Todavia, sua gênese deu-se em 1909, quando o presidente Nilo Peçanha, por meio do Decreto nº 7.566, instituiu uma rede nacional de Escolas de Aprendizes Artífices, constituída por dezenove unidades nas capitais dos estados[4].

Inicialmente destinadas a abrigar meninos entre 10 e 13 anos – os "desfavorecidos da fortuna" (Brasil, 1909), órfãos e pobres classificados como delinquentes em potencial (Pedrosa e Viana, 2023), que eram retirados dos espaços urbanos com vistas a conter problemas citadinos e prevenir a marginalidade em um momento de crescimento urbano –, essas instituições caracterizaram-se, basicamente, como ambientes masculinos, uma vez que também tinham como objetivo inicial formar aqueles jovens para inserção laboral na indústria.

Dessa maneira, a educação profissional brasileira foi se estabelecendo historicamente a partir de uma dualidade estrutural, representando caminhos diferenciados de formação: um para guarnecer as elites em suas demandas teóricas, culturais e científicas, preparando-as para atividades de liderança; outro para os trabalhadores, habilitando-os para a ocupação de postos operacionais com vistas ao ingresso no mundo do trabalho, sem favorecer a continuidade dos estudos em níveis mais elevados (Kuenzer, 2000). A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) constituiu-se, assim, tendo como referência a dinâmica do crescimento econômico e

1 Doutoranda em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), jeller@ifsc.edu.br
2 Coautor/orientador: Doutor em Educação, professor do PPGE da UDESC, cjcarminati@gmail.com
3 Doravante, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica será referida como "Rede Federal".
4 Exceto Rio grande do Sul e Distrito Federal, que já possuíam instituições semelhantes. Além disso, no estado do Rio de Janeiro a escola foi implantada fora da capital, na cidade de Campos.

fundamentando-se em uma categorização excludente que apartou trabalho manual e intelectual.

Cabe destacar, nesse cenário, a predominância da presença masculina na EPT, tanto no corpo docente quanto no discente – reflexo do lugar de reclusão ao ambiente privado imposto às mulheres. Nessa perspectiva, desde o princípio de sua atuação, em 1910, o IFSC[5] – a exemplo da EPT de maneira geral – mostrou-se um espaço eminentemente masculino. Esse contexto alterou-se lentamente, tendo em vista modificações econômicas e sociais que possibilitaram o ingresso das mulheres na docência e em outras dimensões do mundo do trabalho brasileiro.

Assim, embora a desigualdade na efetivação do trabalho docente se configure como uma característica histórica da EPT, esse panorama vem se transformando desde as décadas finais do século XX. Conforme informações apresentadas pelo Anuário Estatístico da Educação Profissional e Tecnológica: Ano Base 2019, naquele ano, 52% do professorado era composto por homens, enquanto 48% era constituído por mulheres (Inep, 2020).

Ao iniciar suas atividades como Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina, o IFSC possuía um quadro funcional formado por apenas uma mulher – sua primeira professora primária, Clélia Nunes Pires Caldeira – e cinco homens, que atuavam como mestres de oficinas e professores (Almeida, 2010).

No âmbito institucional, essa tradição histórica vem se mantendo. No livro intitulado "*Da Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina*", Almeida (2010) apontou que desde o início de seu funcionamento, em 1910, até 1960 – primeiras cinco décadas de atividade –, a instituição admitiu 595 docentes, dos quais 481 eram homens e 114 eram mulheres, o que corresponde, respectivamente, a 81% e 19% do total de admissões. Da década de 1960 ao ano de 1990, não obstante o percentual de professoras admitidas tenha aumentado, permaneceu perceptível a prevalência de professores homens em comparação com o número de mulheres. Nesse período, 437 homens foram contratados, enquanto a contratação feminina restringiu-se a 100 docentes, o que representa, respectivamente, 81% e 19% do total. Após esse período, considerando a ampliação da EPT no Brasil e, sobretudo, a expansão da Rede

5 Antes de ser transformado em Instituto Federal, o IFSC passou por inúmeras reconfigurações em sua identidade institucional, bem como todas as outras entidades componentes da Rede Federal, convertendo-se, progressivamente, em Liceu Industrial de Florianópolis (1937), Escola Industrial de Florianópolis (1942), Escola Industrial Federal de Santa Catarina (1965), Escola Técnica Federal de Santa Catarina (1968) e Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (2002).

ISSN: 2358-8829

Federal, o ingresso de professoras foi se ampliando. Entretanto, em relação às disciplinas técnicas – específicas da formação profissional e não propedêuticas –, o desequilíbrio numérico na atuação de professores e professoras permaneceu relevante.

As construções culturais e sociais de feminino e masculino, segundo Louro (2004), são importantes na compreensão da escola e das relações que se estabelecem nesse espaço, tendo em vista que professoras e professores carregam representações que configuram suas práticas pedagógicas, perpassadas por traços identitários concebidos na condição social e histórica em que se inserem. Assim, pesquisar a presença de professoras na EPT demanda considerar as construções sociais acerca das atribuições de homens e mulheres na sociedade e de sua inserção nos espaços públicos e sociais (Freire, 2011). Historicamente, enquanto a trajetória feminina foi circunscrita ao espaço privado do lar – de menor importância em relação à esfera masculina –, aos homens foi possibilitada a atuação na vida pública, o que oportunizou a constituição de novas relações em diferentes zonas de socialização, inclusive no magistério, campo laboral ocupado inicialmente por homens no Brasil (Louro, 1997).

Essa divisão sexual do trabalho (Hirata e Kergoat, 2007) hierarquizou os espaços ocupados por homens e mulheres de forma distinta, destinando a eles o setor produtivo –, vinculado à deferência, ao reconhecimento e à projeção social, como nas esferas política, religiosa e militar –, enquanto a elas outorgou a esfera reprodutiva, centrada no trabalho doméstico e de atenção à família (Alves, 2013). Desse modo, compreende-se que os sentidos conferidos aos gêneros se constituem a partir de dinâmicas de poder que produzem hierarquias, subordinações e distinções, as quais, via de regra, colocam a mulher em posição de submissão e inferioridade em relação ao homem. Nesse contexto, a pressuposição de uma inferioridade do ponto de vista biológico naturalizou o poder masculino sobre as mulheres.

No tocante à docência na EPT, observa-se que a baixa presença de professoras lecionando disciplinas técnicas provém de uma cultura que tipicamente conduziu os homens às "ciências exatas" – sobretudo na esfera da tecnologia e engenharia –, ao tempo em que as mulheres foram estimuladas a exercer carreiras no domínio das "ciências humanas". Essa divisão estereotipada determinou uma diferenciação de áreas supostamente masculinas e femininas para o desenvolvimento laboral, como se o raciocínio matemático, o manejo de máquinas industriais e as habilidades técnicas

ISSN: 2358-8829

fossem predicados e características exclusivamente masculinos, o que se refletiu claramente na formação do corpo docente da EPT e do IFSC.

Nessa perspectiva, com base na análise de fotografias, este trabalho objetiva problematizar a escassa presença de professoras em cursos técnicos do Instituto Federal de Santa Catarina no período de 1970 a 2020 – um ambiente educacional tipicamente masculino.

A opção pelo uso de recursos fotográficos nesta análise justifica-se pelo fato de a fotografia afirmar-se como fonte de pesquisa na esfera da História da Educação e da EPT (Ciavatta, 2012, 2025; Matiarena, 2025) e como artefato de investigação, uma vez que as imagens possibilitam distintos enfoques e tratamentos do material iconográfico no âmbito da História (Mauad, 2011).

CAMINHO METODOLÓGICO

Optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que ela enfatiza o conhecimento considerando seu caráter subjetivo, compreensível não por meio de números, estatísticas e métricas, mas pelo domínio dos significados, crenças e valores (Brito; Oliveira; Silva, 2021). Para Gonçalves e Lisboa (2007, p. 84), trata-se do "[…] universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações pessoais e permitindo a compreensão da realidade humana vivida socialmente".

Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica por constituir um meio fundamental de acesso à produção acadêmica previamente publicada sobre o tema e de análise dessa produção. As fontes bibliográficas definidas para a pesquisa foram acessadas manualmente no buscador *Google Acadêmico* (*Google Scholar*), sem delimitação do período de publicação e sem aplicação de operadores booleanos ou de filtros. Foram empregados apenas os descritores "professoras na Educação Profissional e Tecnológica", "uso de fotografias na história da educação" e "fotografias em pesquisas na Educação Profissional e Tecnológica"; assim, os textos considerados pertinentes à reflexão acerca da presença/ausência de professoras na EPT, dentro do recorte temporal delimitado, foram incluídos na investigação.

ISSN: 2358-8829

Quanto às fontes iconográficas escolhidas para subsidiar a análise, optou-se por duas imagens: uma retirada do perfil público de uma professora no Instagram e outra cedida a partir do acervo pessoal de outra professora, as duas vinculadas ao *Campus* Florianópolis do IFSC.

Embora tais fotografias sejam determinantes para esta investigação, restrições normativas inviabilizam sua inclusão no corpo do texto. Desse modo, seus aportes analíticos e descritivos perpassarão indiretamente as argumentações desenvolvidas.

Salienta-se que, ao final da redação, os autores utilizaram as ferramentas de inteligência artificial Gemini e ChatGPT, acessadas em 26/10/2026, exclusivamente para suporte na correção gramatical. Após a aplicação desses recursos, o conteúdo foi revisado criticamente, mantendo-se a total responsabilidade dos autores pelo teor da publicação.

FOTOGRAFIAS: POTENCIALIDADES COMO FONTES DE PESQUISA

As imagens, com sua potencialidade de informação e ilustração, tornam observável e compreensível uma determinada realidade, mas também podem ocultar e silenciar vestígios e impressões dessa mesma realidade, além de suscitar diferentes emoções e percepções a quem as observa.

Nesse sentido, utilizar imagens fotográficas para fomentar reflexões no âmbito da História da Educação vai além do seu simples reconhecimento como documento; implica apreender a perspectiva discursiva das práticas e narrativas dos sujeitos que compõem o ambiente escolar no quadro fotografado. Para Souza e Coelho (2013), ao observar a imagem fotográfica, o pesquisador não está diante apenas da superfície da imagem, mas da contextura do que foi retratado, a qual é constituída por indivíduos que integram as relações institucionais e que participam da cultura escolar.

À vista disso, a incorporação da fotografia como fonte para a História da Educação e da Educação Profissional e Tecnológica demanda rigor teórico e metodológico, uma vez que, na condição de uma construção humana – marcada também por significações, sentidos e conteúdos não verbais –, ela viabiliza inúmeras leituras e abordagens. Ou seja, a problematização da imagem fotográfica cria novas possibilidades de percepção, relacionando o momento em que a fotografia foi concebida à ocasião de

ISSN: 2358-8829

sua análise, capturando elementos culturais, históricos e sociais que demarcam as dinâmicas e práticas sociais e escolares.

A fotografia, na compreensão de Martiarena (2025), delimita o mundo a partir de condicionantes técnicos de sua concepção, operando tanto como reprodução – uma vez que capta e registra uma cena real – quanto como representação, ao resultar de um conjunto de escolhas propositais que determinam a imagem construída. Isso, para Ciavatta (2004), diz respeito a um aspecto visível – o registro iconográfico em si – e a um aspecto implícito, que abarca seus processos de produção a partir de determinadas condições técnicas e históricas de fabricação, além do conjunto de valores e relações que guiam sua composição. Nesse sentido, com base em Kossoy (1980), a leitura da fotografia requer ponderar distintos aspectos de seu processo constitutivo, tais como uma possível intervenção proposital do fotógrafo, as dinâmicas e condicionantes de editoração e difusão, bem como as circunstâncias de recepção e uso social da imagem.

Nessa perspectiva, a imagem está para além do registro passivo, uma vez que, ao figurar como vestígio, expressa uma finalidade. Pesavento (2008) compreende as imagens como representações da realidade a partir de ações humanas que intentam conceber um universo simbólico, o qual se sobrepõe aos seres e aos acontecimentos.

Logo, para se pensar na potência discursiva das fotografias escolares envolvendo professoras na EPT, é fundamental considerar que o destaque da imagem se transforma de acordo com a dinâmica crítica e a depender do repertório cultural de quem a produziu e de quem a pesquisa. A saber, a análise das fotografias está sujeita aos universos culturais de quem as concebeu e de quem as tomou como fonte de pesquisa, posto que os meios de circulação redefinem seus usos e compreensões (Mauad e Lopes, 2014). Por conseguinte, o uso do recurso fotográfico na pesquisa de segmentos da história da EPT requer encadear diretrizes espaciais e temporais, ou seja, apreender a imagem tanto em sua perspectiva material – repleta das singularidades das circunstâncias de sua concepção – quanto em sua perspectiva simbólica, como um testemunho, um rastro (Didi-Huberman, 2012) deliberadamente conservado. Para o autor, há que se buscar diferentes leituras da imagem, dado que sempre será possível ver algo a mais, como camadas acessadas a partir de um exercício arqueológico (Didi-Huberman, 2017).

ISSN: 2358-8829

Diante disso, levando em conta as relações e experiências guardadas no cotidiano institucional, é possível refletir sobre os discursos presentes e ocultos acerca da presença ou da ausência de professoras no percurso histórico da EPT e do IFSC.

FOTOGRAFIAS E O RASTRO DA PRESENÇA DE PROFESSORAS NA EPT

As duas fotografias analisadas retratam momentos de interação das equipes docentes em atividade fora do espaço institucional (IFSC - *Campus* Florianópolis). Uma delas exibe os professores e as professoras do Curso Técnico em Mecânica, no ano de 2001, em visita técnica a uma fábrica automobilística na cidade de São José dos Pinhais, no Paraná. Ela espelha a presença quase total do corpo docente, retratando 24 homens e 3 mulheres (89% e 11%, respectivamente). A outra imagem fotográfica, do Curso Técnico em Eletrotécnica, mostra um encontro pedagógico realizado em um hotel, no ano de 2004, evidenciando a presença de 23 professores e 4 professoras (85% e 15%, respectivamente).

Analisar a fotografia pressupõe intencionalidade, pois, para além do ponto de vista semiológico, a pluralidade interpretativa resulta intimamente do repertório cultural, social e histórico do indivíduo a partir de suas relações sociais. Desse modo, diferentes formas de olhar traduzem-se em diferentes horizontes de sentido; logo, uma imagem fotográfica com esse teor evoca uma cultura escolar subordinada às peculiaridades da EPT e às vivências cotidianas de seus agentes institucionais.

As fontes históricas não apresentam o passado de forma neutra, tampouco se manifestam voluntariamente no presente; elas são, pois, o reflexo de uma construção histórica que, tendo em conta seu caráter de produto cultural, sua importância social e seu desenvolvimento histórico (Mauad, 2011), demanda indagações. Dessa forma, embora as professoras aparentem estar em igualdade de condições em relação aos professores por fazerem parte da composição fotográfica, seu número reduzido – entre 11% e 15% do total – revela a escassa presença feminina, evidencia a discrepância histórica entre a atuação de mulheres e homens no desenvolvimento da EPT e reafirma o caráter hegemonicamente masculino desse campo.

Indivíduos de distintos gêneros projetam em suas vivências impressões de mundo pessoais, exteriorizando princípios, valores e práticas que os diferenciam. Ante o estranhamento provocado pela imagem (Didi-Huberman, 2006), evidencia-se o percurso histórico da EPT como um espaço permeado por relações de gênero e de poder naturalizadas, que concorreram para sua constituição como um campo preponderantemente masculino. Desse modo, o ingresso e a presença minorizada de professoras nesse espaço educativo acontecem sob desafios, tendo em vista resquícios do pensamento de uma presumida fragilidade biológica e intelectual, que desvalorizam a atuação profissional feminina nos espaços do exercício docente.

A inserção feminina, tanto nos processos formativos quanto na esfera laboral, foi marcada, no Brasil, por mecanismos permanentes de exclusão que legitimaram e intensificaram as dessemelhanças de gênero no domínio educativo e profissional, tendo sua origem nas estruturas e relações familiares patriarcais radicadas no período colonial – sob a influência do catolicismo português – e que vêm se estendendo a partir de então (Saffioti, 2013; Del Priore, 1997).

No âmbito da docência, o exercício vinculado à Educação Básica manifestou historicamente menos obstáculos a serem vencidos pelas mulheres, uma vez que coaduna com os papéis tradicionais de gênero estimados, por associar essa atividade à esfera do cuidado, enquanto campos como o ensino técnico condicionam barreiras mais duras e severas ao universo docente feminino (Vitcel; Rostas, 2025).

As professoras da EPT vão, por conseguinte, reelaborando sua docência e, nesse processo, redefinindo o espaço escolar. Para suplantar obstáculos cotidianos – por vezes sutis, como brincadeiras e comentários preconceituosos –, investem em formação e adotam novas práticas pedagógicas. Com esse movimento, atendem às demandas de estudantes e de seus pares, estabelecendo redes de auxílio que fortalecem sua permanência na docência e na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a integração das mulheres ao mundo do trabalho deu-se de forma lenta e mediante embates simbólicos, determinantes para a configuração e a

restrição da presença feminina – dinâmica que se refletiu de forma semelhante no campo da educação e da docência.

Conforme a análise das fotografias, a iconografia acerca da docência comumente evidencia a divisão dos papéis institucionais assumidos por homens e mulheres. Apesar da ampliação das investigações e dos debates sobre gênero, a sub-representação feminina em ambientes hegemonicamente masculinos, como a Educação Profissional e Tecnológica, mantém-se como uma realidade, atestando o desencontro entre o campo das reflexões teóricas e a efetiva transformação desses ambientes assinalados pela masculinidade dominante. Se a Educação Básica foi vinculada tradicionalmente a um prolongamento do cuidado materno, à Educação Profissional e Tecnológica reservou-se a dinâmica da indústria. Assim, a docência na EPT pode constituir um espaço de emancipação e ingresso para as mulheres, mas também pode reproduzir e consolidar marcas estruturais e históricas que naturalizam a assimetria e a marginalização dos espaços laborais ocupados pelas mulheres nesse campo de atuação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alcides Vieira de. **Da Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina**. Reed. rev. e atual. IF/SC. Florianópolis, 2010.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, maio-ago, 2013.

BRASIL. **Decreto n° 7.566**, de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da República as Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Rio de Janeiro, 1909.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Anuário Estatístico da Educação Profissional e Tecnológica**: Ano Base 2019. Brasília, DF: Inep, 2020**.**

BRITO, Ana Paula G.; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Brunna Alves da. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área da educação. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021.

CIAVATTA, Maria. Fotografia e História da Educação Profissional: reflexões sobre possibilidades de pesquisa. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 2, n. 25, 2025.

CIAVATTA, Maria. O Rio dos trabalhadores: a educação do olhar e a fotografia como fonte histórica. **Revista Trabalho Necessário**. Niterói, v. 18, n. 35, p. 240-263, jan./abr. 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/40506. Acesso em: 09/09/2026.

CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 12, n. 1. 2012.

CIAVATTA, Maria. Educando o trabalhador da grande "família" da fábrica: a fotografia como fonte histórica. *In*: CIAVATTA, M.; ALVES, N. (org.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Tradução de Amanta Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Devires: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 204-219, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Inquietar-se diante de cada imagem. [Entrevista concedida a] Mathieu Potte-Bonneville e Pierre Zaoui. *Vacarme*, n. 37, outono 2006. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. **Flanagens**, 2011. Disponível em: https://flanagens.blogspot.com/2011/05/inquietar-se-diante-de-cada-imagem.html. Acesso em: 20 set. 2026.

FREIRE, Eleta de Carvalho. Mulher no magistério: uma história de embates entre espaço público e espaço privado. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 239-256, jul-dez. 2011.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetória de vida. **Revista Katálysis,** Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 83-92, 2007.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, 1980.

KUENZER, A. Z. **Ensino de 2º Grau**: o trabalho como princípio educativo. São Paulo: Cortez, 2000.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

LOURO, G. L. Gênero e Magistério: Identidade, História, Representação. *In*: CATANI, D. et al. (org.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

MARTIARENA, M. A. Fotografia e História da Educação Profissional: reflexões sobre possibilidades de pesquisa. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v. 2, n. 25, p. 1-19, e17127, ago. 2025. DOI: https://doi.org/10.15628/rbept.2025.17127. Acesso em: 20 set. 2026.

MAUAD, A. M. Olhos para ver e conhecer: fotografia e os sentidos da História. *In*: GAWRYSZEWSKI, A. **Imagem em debate**. Londrina: Eduel, 2011. p. 111-134.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. **Imagem, história e ciência**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, n. 2, v. 9, p. 283-286, maio-ago. Belém/PA. 2014.

PEDROSA, J. G; VIANA, M. I. R. C. Conceitos para pensar a Educação Profissional e Tecnológica. **HOLOS**, v. n. 6, p. 1-17, 2023. Disponível em: https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/14537/3904. Acesso em 06/09/2026.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. *In*: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Mirian de Souza (Orgs.). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais**: Percursos em História Cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo/SP: Expressão Popular. 2013.

SOUZA, Luani de Liz; Coelho, Juçara Eller. **Fotografias escolares**: uma leitura da *hexis* corporal da juventude na educação profissional no século XX. *In*: VII Congresso Brasileiro de História da Educação - Circuitos e Fronteiras da História da Educação. Cuiabá/MT. 2013.

VITCEL, Marlise Sozio; ROSTAS, Márcia Helena Sauáia Guimarães. A mulher na Educação Profissional e Tecnológica: um campo de pesquisa a ser explorado. **Revista Momento – Diálogos em Educação**, Rio Grande, v. 34, n. 3, p. 710-734, set./dez. 2025. Disponível em: https://periodicos.furg.br/momento/article/view/18983. Acesso em: 20 set. 2026.